

**RAINER
MARIA RILKE
FRANZ XAVER KAPPUS**

**CARTAS
A
JOVEM
POETA**

**INCLUINDO AS CARTAS QUE O "JOVEM POETA",
FRANZ X. KAPPUS, ENVIOU A RILKE**

**RAINER
MARIA RILKE
ERANZ XAVER KAPPUS**

**CARTAS
A UM
JOVEM
POETA**

TRADUÇÃO
Claudia Dornbusch



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Rainer Maria Rilke: Briefe an einen jungen Dichter Mit den Briefen von Franz Xaver Kappus Hg. und mit Kommentar und Nachwort von Erich Unglaub © Wallstein Verlag, Göttingen 2021 Rights negotiated through Ute Körner Literary Agent
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Copyright da tradução © Claudia Dornbusch
Todos os direitos reservados.
Título original: *Briefe an einen jungen Dichter*

Preparação: Petê Rissatti

Revisão: Bonie Santos e Diego Franco Gonçalves

Projeto gráfico e diagramação: Daniel Justi

Capa: Eduardo Foresti | Foresti Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rilke, Rainer Maria

Cartas a um jovem poeta / Rainer Maria Rilke, Franz Xaver Kappus; tradução de Claudia Dornbusch. — São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

208 p.

ISBN: 978-65-5535-792-9

Título original: Briefe an einen jungen Dichter

1. Rilke, Rainer Maria, 1875-1926 — Correspondência 2. Kappus Franz Xaver, 1883-1966 — Correspondência 3. Literatura alemã I. Título II. Kappus, Franz Xaver III. Dornbusch, Claudia

22-2870

CDD 831.912

Índice para catálogo sistemático:

1. Rilke, Rainer Maria, 1875-1926 — Correspondência



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

- 13 INTRODUÇÃO
Franz Xaver Kappus
- 17 CARTAS A UM JOVEM POETA:
RILKE A KAPPUS, KAPPUS A RILKE
- POEMAS DE FRANZ XAVER KAPPUS
- 137 *Há uma canção*
- 138 *No meu sangue*
- 139 *Aranka*
- 140 *A Leopardi*
- 141 SUPLEMENTO CULTURAL
Noite de Ano-Novo na fronteira,
de Franz Xaver Kappus
- 150 NOTAS
- 163 DEDICATÓRIA EM UM LIVRO
de Franz Xaver Kappus
- 165 POSFÁCIO
Trocar correspondências, de Erich Unglaub
- 202 NOTA DA EDIÇÃO ALEMÃ
- 203 SOBRE A TRANSITORIEDADE
de Sigmund Freud

CARTAS
A UM
JOVEM
POETA:
RILKE A KAPPUS,
KAPPUS A RILKE

1

FRANZ XAVER KAPPUS

A

RAINER MARIA RILKE

Wiener Neustadt, fim do outono de 1902

A primeira carta não foi preservada.



Planeta

2

RAINER MARIA RILKE A FRANZ XAVER KAPPUS

Paris, 17 de fevereiro de 1903

Prezado Senhor,

Sua carta chegou até mim apenas há alguns dias. Quero lhe agradecer pela grande e carinhosa confiança. Mal consigo. Não consigo me expressar sobre o tipo de seus versos, pois estou muito longe de toda e qualquer intenção crítica. Nada atinge uma obra-de-arte tão pouco quanto palavras críticas: isso acaba sempre em mal-entendidos mais ou menos felizes. As coisas não são todas tão palpáveis e dizíveis como normalmente querem nos fazer crer; a maioria dos acontecimentos é indizível, acontece em um espaço que nunca foi visitado por uma palavra, e mais indizíveis que tudo são as obras de arte, essas existências misteriosas cuja vida é perene, ao lado da nossa, que é perecível.

Se lhe mando esta nota como preâmbulo, permita-me dizer apenas que os seus versos não têm uma veia própria, mas esboços silenciosos e ocultos de algo pessoal.

Sinto isso mais claramente no último poema, “Minha alma”. Ali, algo próprio está buscando voz e jeito. E no belo poema “A Leopardi” talvez floresça uma espécie de parentesco com esse Grande, Solitário. Não obstante, os poemas ainda não existem por si sós, não são autônomos, mesmo o último e aquele dedicado a Leopardi não o são. Sua carta bondosa que acompanha os poemas cumpre a promessa de me explicar algumas falhas que senti ao ler os seus versos sem, no entanto, saber nomeá-las.

O senhor me pergunta se os versos são bons. O senhor pergunta a mim. Antes de mim, perguntou a outros. O senhor os envia a revistas. Compara-os a outros poemas e se sente incomodado quando determinadas redações recusam seus esboços. Agora (uma vez que o senhor me permitiu aconselhá-lo), peço-lhe que desista de tudo isso. O senhor olha para fora e é justamente isso que o senhor não deveria fazer agora. Ninguém pode aconselhá-lo e ajudá-lo, ninguém. Há apenas um meio. Olhe para dentro de si mesmo. Explore a motivação profunda que o impele a escrever, verifique se no ponto mais profundo de seu coração ela estende suas raízes, confesse para si mesmo se o senhor morreria se o impedissem de escrever. E, principalmente, pergunte-se na hora mais silenciosa da noite: eu *preciso* escrever? Cave fundo em si mesmo em busca de uma resposta profunda. E se esta for de concordância quando o senhor responder com um forte e simples “*Eu preciso*” a essa séria pergunta, então construa a sua vida de acordo com essa necessidade; a sua vida, até a hora mais indiferente e mínima, precisa se tornar signo e testemunho dessa pulsão. Então, aproxime-se

da natureza. Então, como se fosse o primeiro homem, tente dizer o que vê e vivencia e ama e perde. Não escreva poemas de amor; inicialmente, desvie daquelas formas usuais e comuns demais: elas são as mais difíceis, pois se faz necessária uma força enorme e amadurecida para entregar algo próprio, quando há uma quantidade grande de tradições, algumas delas brilhantes. Por isso, fuja dos temas gerais, refugie-se naqueles que seu cotidiano lhe oferece, descreva suas tristezas e seus anseios, os pensamentos fugidios e a fé em uma beleza qualquer – descreva isso tudo com sinceridade íntima, silenciosa e humilde e utilize as coisas ao seu redor para se expressar, as imagens presentes em seus sonhos e os objetos de sua memória. Caso seu cotidiano lhe pareça pobre, não o acuse; acuse a si mesmo, diga a si mesmo que não é poeta o suficiente para evocar as suas riquezas; pois para o criador não há pobreza nem lugar pobre irrelevante. E se o senhor estivesse em uma prisão cujas paredes não permitissem chegar aos seus sentidos nenhum ruído do mundo – o senhor não teria ainda sua infância, essa riqueza deliciosa digna de reis, essa casa que guarda o tesouro das lembranças? Volte sua atenção para elas. Tente reerguer as sensações soçobradas desse passado longínquo; sua personalidade sairá fortalecida, sua solidão se ampliará e se tornará moradia crepuscular, diante da qual o ruído dos outros passará ao longe. E, se a partir dessa virada para dentro, desse mergulho no próprio mundo, surgirem *versos*, o senhor não pensará em perguntar a alguém se são bons *versos*. O senhor também não tentará fazer com que as revistas se interessem por esses trabalhos,

pois verá neles sua cara propriedade natural, uma parte e uma voz da sua vida. Uma obra de arte é boa quando surgiu a partir de uma necessidade. É nessa constituição de sua origem que se encontra a sentença: não há outra. Por isso, prezado senhor, não sei lhe dar outro conselho senão este: mergulhar em si e examinar as profundezas de onde brota sua vida; é em sua fonte que encontrará a resposta para a pergunta sobre se *deve* criar. Aceite-a tal como lhe soar, sem interpretar. Talvez se revele que o senhor foi predestinado a ser artista. Então, assumo esse destino e o carregue, com seu peso e sua grandeza, sem se preocupar com a recompensa que poderia vir de fora. Pois o criador precisa ser um mundo em si e encontrar tudo dentro de si e na natureza, à qual ele se uniu.

Mas, talvez, após essa descida para dentro de si e de sua solidão, o senhor abdique de ser poeta (basta, como mencionei, sentir que seria possível viver sem escrever para nem poder fazê-lo). Não obstante, essa introspecção que lhe pedi não terá sido em vão. A partir dela, sua vida com certeza encontrará caminhos próprios, e que sejam bons, ricos e amplos; é o que lhe desejo mais do que consigo expressar.

O que mais posso lhe dizer? Parece que tudo foi acen-
tuado em sua devida forma de direito; finalmente, eu quis apenas aconselhá-lo a se embrenhar calma e seriamente pelos meandros do seu desenvolvimento; o senhor atrapalharia enormemente esse processo olhando para fora e esperando por respostas vindas de fora, respostas essas que apenas o seu sentimento mais íntimo em sua hora mais silenciosa talvez consiga lhe fornecer.

Foi uma alegria ver mencionado em sua carta o nome do professor Horaček; nutro uma grande admiração por esse erudito amável, bem como uma gratidão que perdura ao longo dos anos. Queira, por favor, comentar com ele sobre esse meu sentimento; é muita bondade dele ainda se lembrar de mim, e sei valorizar esse fato.

Nesta ocasião, devolvo-lhe os versos que teve a gentileza de confiar a mim. E agradeço-lhe novamente pela grandeza e cordialidade de sua confiança, da qual tentei me fazer um pouco mais digno através desta resposta sincera, dada no melhor do meu juízo, mais digno do que sou enquanto desconhecido.

Com toda humildade e empatia,



RAINER MARIA RILKE

Planeta